IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

A MANICOMIALIZAÇÃO DOS CORPOS DE MULHERES LÉSBICAS E BISSEXUAIS: HISTÓRIAS (AINDA) POUCO CONTADAS

Eixo Temático 46 *- A POTENCIALIDADE TRANSFORMADORA DE CORPOS E EXPERIÊNCIAS LÉSBI: DO APAGAMENTO À VISIBILIDADE*

Lina Ferrari de Carvalho [1]
Anamaria Ladeira Pereira [2]

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo mapear e problematizar produções acadêmicas que abarcam as histórias de mulheres Lés-Bi atravessadas pela manicomialização durante o século XX. Por meio de uma revisão crítica de literatura, em três plataformas acadêmicas digitais, selecionamos três trabalhos que nos trouxeram duas histórias: a de Rosa e a de E.R. A partir das análises realizadas, percebemos, tanto nas produções encontradas quanto nas histórias de Rosa e E.R. grandes lacunas, refletindo o apagamento das memórias de mulheres lésbicas e bissexuais que foram manicomializadas. Urge o desenvolvimento de pesquisas que problematizem a heterossexualidade compulsória na atribuição dos diagnósticos *psi* de mulheres Lés-Bi e a manicomialização dos seus corpos, no intuito de visibilizar suas existências.
Palavras-chave: Mulheres lésbicas; Mulheres bissexuais; Dissidência sexual; Manicômio; Psiquiatria.

INTRODUÇÃO

No início do século XX, com o avanço e o fortalecimento dos hospitais psiquiátricos no Brasil, o saber-poder *psi* tornou-se fundamental no controle dos corpos das mulheres, classificando-as como normais ou como anormais/loucas e atribuindo diagnósticos psiquiátricos, de acordo com, dentre outros aspectos, o exercício da sexualidade (Cunha, 1989). Práticas sexuais entre mulheres eram consideradas perturbações mentais e chamadas

[1] Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, bolsista FAPERJ, lina.ferrari.c@gmail.com
[2] Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, bolsista CAPES, anamariatudojunto@gmail.com
* Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

pela "ciência" da época de "safismo" e "tribadismo". Apesar de ter ocorrido (e ainda ocorrer) a patologização de corpos e sexualidades dissidentes, como ocorre com mulheres lésbicas e bissexuais, ainda há poucas produções acadêmicas que não só contemplem o tema da sexualidade das mulheres no contexto asilar, mas foquem nas histórias de mulheres Lés-Bi que foram psiquiatrizadas e encarceradas em manicômios.

Desenvolvemos este trabalho com o objetivo de mapear e problematizar produções acadêmicas que abarcam as histórias de mulheres Lés-Bi atravessadas pela manicomialização no século XX. Nossa fundamentação teórica centra-se em estudos feministas pós-estruturalistas e contracoloniais. Por meio de revisão de literatura, selecionamos três trabalhos que nos trouxeram duas histórias: a de Rosa e a de E.R. Apresentando atravessamentos distintos de tempo-espaço, ambas as histórias apontam para a invisibilização das trajetórias dessas mulheres até os dias atuais e nos convocam a questionar: a escassez de pesquisas se deve ao fato de mulheres lésbicas e bissexuais não terem sido encarceradas em hospitais psiquiátricos? Ou a ausência de trabalhos sinaliza o apagamento histórico de trajetórias de mulheres que romperam com um sistema de gênero colonial (Lugones, 2014) branco e heteronormativo? Como situamos a memória de tais corpos? E mais, como a psicopatologização e a manicomialização desses corpos e prazeres vêm se (re)atualizando no presente? Longe de esgotar tais questões, pretendemos abrir caminhos para trabalhos futuros que abranjam o tema de forma mais aprofundada, visando à valorização e a preservação da memória da existência dessas mulheres.

METODOLOGIA

Para conhecer trabalhos que vêm sendo produzidos sobre a temática, em quais áreas do conhecimento, em que quantidade, e como os discursos sobre o tema têm sido situados nas produções, fizemos uma revisão crítica de literatura. Afinal, tal tipo de revisão propicia a análise e a síntese da informação disponibilizada por todas as produções relevantes publicadas acerca de uma questão. Essa metodologia possibilita também situar e problematizar como a informação tem sido abordada (Mancini; Sampaio, 2006).

Utilizamos três plataformas acadêmicas digitais: Scielo, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e Periódico CAPES. Em cada uma delas, buscamos trabalhos no idioma português, em qualquer área do conhecimento, sem recorte temporal e que abordassem

o tema da sexualidade de mulheres lésbicas e bissexuais no contexto de hospitais psiquiátricos. Algumas das chaves de busca utilizadas, em diversas combinações diferentes: “mulheres”, “sexualidade”, “asilo”, “hospitais psiquiátricos”; “lésbicas”, “lesbianismo”, “manicômio”, “homossexualidade”, “bissexuais”, “lesbianismo”, “tribadismo”, “homossexualidade feminina”, “bissexualidade”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Selecionamos três trabalhos (dois deles situados no campo da história e um, no campo da psicologia), sendo dois artigos e uma dissertação de mestrado, respectivamente: “Heterossexualidade Compulsória e a Fabricação da Loucura Feminina em Goiás” (Santos, 2023); “‘Eu não quero ficar no lugar das mulheres peladas, não!’: As causas das internações de mulheres no Hospital Psiquiátrico Adauto Botelho (Goiânia, Goiás)” (Barreto; Cassoli, 2020); “Medicina Psiquiátrica e Sexualidade Feminina: Um estudo de caso sobre o lesbianismo e abjeção no Brasil (1930-1940)” (Tavolaro, 2020). A partir dessas produções, tivemos conhecimento de duas histórias: a de E.R e a de Rosa. A seguir, detalharemos não só as histórias de ambas, mas como tais histórias foram contadas nesses trabalhos.

Vale acrescentar que, além da visível escassez de trabalhos publicados sobre o tema, encontramos apenas pesquisas recentes, dos últimos cinco anos e desenvolvidas nas regiões centro-oeste e sudeste. A autoria dos trabalhos é outro aspecto curioso: dois dos trabalhos selecionados, que pautam, explicitamente, desde os seus títulos “loucura feminina” e “sexualidade feminina”, foram escritos exclusivamente por homens. Apesar de serem trabalhos com fundamentação teórica crítica, ainda é simbólico que entre as poucas produções, as encontradas sejam de autoria de homens falando sobre os corpos/sexualidades de mulheres, articulando com a questão da manicomialização.

A não nomeada: *“Caso Nº 28”* - E.R.

A dissertação, de autoria de José Tavolaro (2020), evidencia que o tema central é a “História da sexualidade, em específico, a sexualidade feminina” (p.9), partindo de um estudo de caso, que seria o de E.R., analisado pelo psiquiatra Antônio Carlos Pacheco e Silva, entre as décadas de 1930 e 1940. Ao longo do trabalho, fica evidente o maior espaço dado à análise do saber-poder *psi* e à história e produção do psiquiatra em questão do que à história de E.R.

Não à toa, dos três capítulos que compõem a dissertação, apenas um, o capítulo 3: "*CASO Nº28: PRETA, POBRE, LÉSBICA... E LOUCA*" é destinado a E.R. Caso esse extraído do livro "Psiquiatria Clínica e Forense" de Pacheco e Silva (Tavolaro, 2020). Não houve preocupação em nomeá-la, ainda que o autor tenha destacado que no diagnóstico médico só constam as iniciais, sendo o caso obtido a partir de fragmentos da história dessa mulher: preta, brasileira, solteira, cozinheira, de 25 anos.

De acordo com Tavolaro (2020) baseado em Pacheco e Silva (1945), E.R. buscou o Ambulatório Clínico da Clínica de Psiquiatria da Universidade de São Paulo com intuito de "compreender sua condição" (p.13). Os documentos afirmam que ela usava vestimentas masculinas e seduzia mulheres para satisfazer seus desejos sexuais, utilizando-se até mesmo da coação para isso, de acordo com o médico (Tavolaro, 2020). E.R. teve como diagnóstico: "androginia e intersexualidade". Por meio do parecer médico, suas manifestações sexuais revelavam o instinto homossexual e bissexual ampliado pelo "travestismo", o que denota a confusão entre identidade de gênero e orientação sexual presente no saber-poder *psi*. Fumava cigarros. Tinha atitudes e gestos masculinos. Ambicionava alistar-se no serviço militar. Bebia em companhia de mulheres. Indícios evidenciados no caso para a atribuição do diagnóstico de E.R, que relatava medo de ser pega pela polícia, o que, de acordo com os documentos, fazia com que ela recorresse à psiquiatria de forma "espontânea".

Na clínica, E.R. foi submetida a diversos exames, inclusive somático, no qual, de maneira racista e lesbofóbica o médico fez uma associação entre "a anormalidade" de E.R. e "a sua raça". Evidenciando uma "inteligência pouco desenvolvida", além de apontar que suas relações se davam majoritariamente com mulheres brancas, considerando-as "vítimas" de E.R (Tavolaro, 2020, p.67). Aqui, fica nítido o racismo existente na associação de um sistema manicomial com um sistema de gênero colonial regido pela branquitude (Lugones, 2014). De modo que há uma racialização da sexualidade, bem como uma patologização não só da população dissidente no que se refere à sexualidade, mas também à branquitude, situando os corpos das mulheres negras não como mulheres, mas como fêmeas, animalizadas, hipersexualizadas (Gonzalez, 2020), e representantes de um perigo para a figura da mulher ideal – branca, heterossexual, burguesa – propagada e sustentada pelo saber-poder *psi*.

Rosa – *"Sério problema de conduta (homossexualismo)"*

Os dois artigos encontrados, um de Ronivaldo Santos (2023) e outro de Railda Barreto e Tiago Cassoli (2020), concentraram-se no Hospital Psiquiátrico Adauto Botelho, em Goiânia. Barreto e Cassoli (2020) visaram analisar como se deram os encaminhamentos de mulheres para esse espaço, por meio da análise de oito prontuários psiquiátricos de mulheres, produzidos entre 1970 e 1990, entre os quais, o de Rosa. Já Santos (2023), foca na análise das classificações da loucura feminina a partir da heterossexualidade compulsória, através de uma pesquisa bibliográfica e análise de fontes jornalísticas, fotografias e do documentário "Passageiros da Segunda Classe". Ambas produções apresentam a história de Rosa. De acordo com Barreto e Cassoli (2020), os registros documentais comprovam que sua primeira internação se deu no ano de 1977, encaminhada ao hospital psiquiátrico Adauto Botelho pelo Juizado de menores do Estado de Goiás: "sob a alegação de ser uma 'menor-órfã' e se encontrar em 'estado de abandono e com sério problema de conduta (homossexualismo)' (Prontuário nº 1.382). Na época da internação, Rosa estava com treze anos de idade" (p.222, 223).

Apesar de Barreto e Cassoli (2020) destacarem que a documentação analisada sobre Rosa é rica em detalhes, poucas informações são expostas acerca desse "sério problema de conduta". Ressaltam, apenas, que o documento mostra uma história iniciada três anos antes da internação de Rosa, que envolveu determinados aspectos para "traçar o perfil" da adolescente, como: abandono, problemas de conduta, evasão domiciliar, "família desestruturada", desobediência e vadiagem, deixando em evidência que o hospital psiquiátrico seria a única "solução" e destino para o caso.

Embora tenha recebido diagnósticos como "síndrome oligofrênica e déficit intelectivo" (Prontuário nº 1.382), alguns psiquiatras questionavam não só o diagnóstico atribuído, mas a permanência de Rosa no hospital. Um dos psiquiatras dizia que ela era uma "paciente sem queixas clínicas" (Prontuário nº 1.382) (Barreto; Cassoli, 2020, p.224). Uma prática recorrente a respeito dos corpos de pessoas pobres, negras, em situação de rua, dissidentes sexuais e de gênero era o envio para hospitais psiquiátricos, sem data de saída (Arbex, 2013).

Apesar de problematizar a atribuição dos diagnósticos e encaminhamentos, Barreto e Cassoli (2020) não abarcam mais detalhadamente a questão da dissidência sexual de Rosa, diferentemente de Santos (2023) que, mesmo não se aprofundando na vida de Rosa, se apropria de tais dados para problematizar a heterossexualidade compulsória em seu processo

de enlouquecimento e aprisionamento. Santos (2023) sublinha a nomeação “filhas do Adauto Botelho” (p.220) para se referir às muitas internações de jovens adolescentes, como Rosa, que “... é tratada nos prontuários como uma portadora de problemas de conduta, como vadia, como perturbadora da ordem familiar, além da ‘grave’ prática de *homossexualismo*, tal como está escrito no prontuário.” (p.220).

De acordo com o autor, mais grave e marcante do que a homossexualidade entre mulheres, era a homossexualidade exposta na rua, expor uma vida lésbica era algo inaceitável para o moralismo constituído pela heteronormatividade. Aqui, percebe-se a criminalização não só da sexualidade, mas também do gênero dissidente, como fica nítido tanto na história de Rosa, como na de E.R. que inclusive recorre à psiquiatria por medo de ser pega pela polícia, seja por portar trajes considerados masculinos, seja pela relação com outras mulheres, ocupando o espaço público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS - ROSA E E.R. : UM ENCONTRO (IM)POSSÍVEL?

Podemos perceber ao longo da análise dos trabalhos encontrados e das histórias de Rosa e E.R. grandes lacunas e poucos detalhes, que refletem no apagamento e na invisibilização das histórias de mulheres lésbicas e bissexuais que foram manicomializadas. O que se relaciona com o questionamento levantado por Tania Swain (2004): “Se a história não fala das relações físicas e emocionais entre as mulheres é porque não existiram? Ou porque sua existência representa a desestabilização e o caos na ordem ‘natural’ e divina da heterossexualidade dominada pelo masculino?” (p.13). Com isso, neste trabalho, não tivemos como objetivo encerrar a discussão, mas abrir espaço para maiores problematizações e mais pesquisas que não só analisem a heterossexualidade compulsória na atribuição dos diagnósticos de mulheres e a manicomialização dos seus corpos, mas possam destacar de forma mais aprofundada suas histórias e os rastros deixados por estas.

Assim, deixamos abertura para formulação de outras produções que possam focar nos rastros deixados por ambas mulheres e em um possível encontro entre elas. Como suas histórias se assemelham? O que as diferencia? Quais dados foram ressaltados em detrimento de outros nas duas histórias? A exemplo da questão racial, no caso de E.R., e sequer mencionada no caso de Rosa. Buscamos contribuir para juntar alguns cacos de histórias e criar impulso para trabalhos mais aprofundados e detalhados, produtores de memórias que tornem mais visíveis histórias de mulheres Lés-Bi manicomializadas em decorrência das suas

dissidências de sexualidade, em intersecção com raça, classe e gênero. Ainda há muito a ser contado e enfrentado, afinal, a derrubada dos muros manicomiais é uma pauta do presente, não reservada ao passado, e não se resumindo aos muros físicos dos hospitais psiquiátricos, mas atrelada às estruturas de opressão como o racismo, o cisheterossexismo e o capitalismo (Passos; Pereira, 2019). Lutar por uma sociedade antimanicomial é lutar por uma sociedade antirracista, anticapitalista e antilgbtfóbica.

REFERÊNCIAS

ARBEX, Daniela. *Holocausto Brasileiro*. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

BARRETO, Railda; CASSOLI, Tiago. “Eu não quero ficar no lugar das mulheres peladas, não!”: As causas das internações de mulheres no Hospital Psiquiátrico Adauto Botelho (Goiânia, Goiás). *Mnemonise*, vol. 16, no.2, p. 212-230, 2020. DOI: 10.12957/mnemosine.2020.57662

CUNHA, Maria. Loucura, Gênero Feminino: As mulheres no Juquery na São Paulo do início do Século XX. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol.9, n.18, p. 121-144, ago./set. 1989.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano:* Ensaios, intervenções e diálogos. Zahar, 2020.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014. https://doi.org/10.1590/%25x

MANCINI, Marisa; SAMPAIO, Rosana. Quando o objeto de estudo é a literatura: Estudos de Revisão. *Revista Brasileira Fisioterapia*, vol.10, n.4, p. 361-471, out./dez. 2006. https://doi.org/10.1590/S1413-35552006000400001

PASSOS, Rachel; PEREIRA, Melissa. Luta Antimanicomial, Feminismos e Interseccionalidades: notas para o debate. In: PEREIRA, M. O.; PASSOS, R. G. *Luta Antimanicomial e Feminismos:* Discussões de Gênero, Raça e Classe. Rio de Janeiro: Editora Autografia, 2017. pp. 25- 51.

SANTOS, Ronivaldo. Heterossexualidade compulsória e a fabricação da loucura feminina em Goiás. *Revista Mosaico - Revista de História*, Goiânia, Brasil, v. 16, n. 4, p. 208–231, 2024. DOI: 10.18224/mos.v16i4.13117.

SWAIN, Taniacunha. *O que é lesbianismo*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

TAVOLARO, José. *Medicina Psiquiátrica e Sexualidade Feminina: Um estudo de caso sobre o lesbianismo e abjeção no Brasil (1930 – 1940)*. Dissertação – Mestrado em História Social. São Paulo, 2020.